

## NO MUNDO DAS ÁGUAS: AS ESCOLAS DE VÁRZEA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA, MUNICÍPIO DE SANTARÉM-PA

Anselmo Alencar Colares. Universidade Federal do Oeste do Pará UFOPA/HISTEDBR/BRASIL. E-mail: [anselmocolares@gmail.com](mailto:anselmocolares@gmail.com)<sup>1</sup>

### Eixo 2: Políticas de Inclusão, diversidade e direitos humanos

#### Introdução

O texto se refere a uma pesquisa em andamento, denominada “Retratos das Escolas de Várzea na Amazônia Brasileira (Município de Santarém/PA)”, aprovada pelo CNPq no Edital de Bolsa Produtividade. Compreender um objeto singular como as escolas de várzea pode trazer importantes contribuições para os que se dedicam a pesquisa histórico-educacional em sentido amplo, entendendo as articulações do singular com o movimento histórico da região e do país, que por sua vez estão inter-relacionadas com as transformações no modo de produção, em escala mundial. Sem a produção historiográfica local, nos limitamos a reproduzir as análises desenvolvidas para situações diferenciadas que, embora possam ser aplicadas a temática geral, mostram-se insuficientes quando nos deparamos com realidades específicas.

A várzea é um ecossistema complexo composto de biodiversidade e sociodiversidade. Porém, parte de sua história foi pouco observada pelas pesquisas, tradicionalmente nela realizadas, e que, mesmo indiretamente, corroboraram para a invisibilidade de seus povos e de sua história de resistência e de lutas diante dos imensuráveis desafios para sobreviver aos impactos da exploração desordenada dos recursos naturais da região que habitam.

Este estudo se concentra nas áreas de várzea que ficam no município de Santarém, cidade localizada na região Oeste do Pará, ao longo do rio Amazonas. As enchentes/cheias alteram completamente a forma de organização produtiva, interferindo também em outros aspectos do cotidiano, entre os quais as escolas. A vida escolar das crianças da várzea é um exercício diário de coragem, esperança e de superação. Nos

---

<sup>1</sup>Doutor em Educação pela UNICAMP. Docente titular do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFOPA, e do Programa de Pós-Graduação na Amazônia (PGEDA), Bolsista Produtividade CNPq. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, HISTEDBR/UFOPA. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-1767-5640>. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1107767923215438>

períodos de seca, percorrem o caminho a pé, por atalhos entre o gado das fazendas, na beira do rio sobre a lama escorregadia e de olhos atentos aos perigos de serpentes. Nos períodos de cheias, o rio é a única estrada. Ir à escola é se dispor a enfrentar banzeiro, correnteza, o vento e a chuva. Apesar das dificuldades, 56,5% concluem o ensino fundamental.

A várzea de Santarém está localizada ao norte do município e é formada por quatro principais microrregiões: Tapará, Aritapera, Urucurituba, Ituqui. Além dessas microrregiões, os Distritos de Arapixuna e Lago Grande também apresentam extensões de várzea. Todavia, por apresentarem preponderância de áreas altas, não alagáveis, são consideradas áreas de transição entre várzea e terra firme. Nas três microrregiões, vivem cerca de 10 mil habitantes organizados em um pouco mais de 2 mil famílias, segundo os dados da Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA). A população masculina corresponde a 53,3% e a feminina, 46,7%, sendo esta distribuição similar entre as três microrregiões. Porém, as mulheres foram e são protagonistas na organização comunitária, na liderança religiosa, na organização das manifestações culturais e na complementação da renda familiar, seja com bolsa família, com a criação de pequenos animais, artesanato, e na educação familiar e escolar. Na área delimitada para este estudo, 6% da população é analfabeta; 64% teve acesso ao ensino fundamental (dos quais 16% completaram esse ciclo), 24% teve acesso ao ensino médio, e 11% obteve êxito em completá-lo. Com ensino superior (concluído ou cursando) em torno de 3%, índice igual ao da pré-escola.

### **Aspectos conceituais e metodológicos: Escolas de Várzea na Região de Santarém**

As escolas de várzea ainda não constituem uma categoria específica de análise nas pesquisas educacionais. Elas são incluídas como escolas do campo. Um ambiente assim tão diferenciado, precisa ser compreendido em suas singularidades: Que escolas são essas, que ficam alguns meses praticamente submersas, tendo que seguir um calendário diferenciado? Quem são os alunos, gestores e professores, e quais suas aspirações? Quais os problemas e como são enfrentados? Estas são algumas das questões estão norteando a pesquisa e sobre as quais vou discorrer, com o apoio de fotografias.

No movimento constante de subida e descida das águas, os moradores das várzeas realizam suas atividades laborais, produzindo e reproduzindo o que lhes garante a sobrevivência e uma existência singular. O ambiente é também um agente educativo,

conforme temos constatado nas conversas com os varzeiros (denominação que usamos para distinguir os moradores destes ambientes, diferente dos ribeirinhos, os quais ocupam as margens dos rios, sem que estejam sujeitos a inundações como os das áreas de várzea, razão pela qual precisam construir com assoalhos bem altos).

As terras são inundadas com regularidade durante alguns meses do ano, e isso produz alterações substanciais no bioma e nas formas como as pessoas se relacionam com ele e entre si. As áreas de várzea apresentam uma paisagem “anfíbia” com quatro momentos distintos: a enchente, a cheia, a vazante e a seca. O período de maior ocorrência de chuvas é, geralmente, de fevereiro a junho quando ocorre a enchente. Depois as águas começam a baixar até que por volta do mês de agosto já esteja “normalizado”, podendo haver estiagem – ausência de chuvas, e, por conseguinte, seca – nos meses de setembro e novembro.

Os moradores de idade mais avançada explicam que tem havido muita variação neste ciclo depois que foi intensificado o desmatamento e o plantio de soja. Nas áreas de várzea ainda predomina a economia extrativista, a agricultura familiar e a pesca. Na maioria das comunidades, porém, a segurança alimentar é bastante comprometida na época da enchente, devido à dificuldade na obtenção dos recursos alimentícios naturais e por não disporem de condições de renda que propiciem estocar para uso na escassez. Um outro grave problema que afeta a vida dos moradores de várzea é a escassez de água potável. Até parece ironia, mas é a dura realidade. Vivem sobre as águas, mas elas são impróprias para o consumo. São ainda poucas as localidades que dispõem de sistemas de tratamento e o abastecimento regular e coletivo.

Os moradores das áreas de várzea possuem uma forma diferenciada de lidar com a cheia dos rios, fruto de aprendizados coletivos herdados de várias gerações que os antecederam. Mesmo assim, não estão conseguindo enfrentar todos os desafios. Até porque surgiram novos em decorrência das aceleradas mudanças pelas quais passa o modo de produção capitalista e sua investida sobre a natureza e sobre a organização social.

Na localidade onde tenho concentrado a maior parte do tempo da pesquisa, até o momento, denominada Aritapera, assim como na maioria das demais áreas de várzea, não há energia elétrica, o que dificulta em muito o uso de recursos informatizados na educação. Durante o período mais crítico da pandemia da covid-19, e quando as aulas

passaram a ser na forma remota, ficou muito explícito que sem energia, não há como usar tecnologia. Na escola há um motor a diesel que gera energia porém seu uso é limitado. Boa parte das residências também contam com um sistema comunitário que funciona em média 4h/dia. Os que dispõem de mais recursos já usam sistemas de energia solar, porém, ainda muito insipiente.

Na região de várzea, muitas vezes o que é denominado de escola é tão somente um local improvisado, pertencente a alguma igreja ou a comunidade, muitas vezes para uso compartilhado, e, quase sempre, em situação muito precária.

## **Considerações finais**

As escolas da várzea, apresentam singularidades em termos de estrutura física, o que requer políticas diferenciadas para a manutenção, assim como para a compra de equipamentos e recursos didáticos. A dinâmica da várzea, altera os cenários e as condições físicas dos prédios. O tempo de vida útil de um prédio escolar na várzea é menor em comparação as escolas de terra firme. Além do desgaste natural causado pelos longos períodos de alagamentos, há sempre o risco de ser afetada por desastres naturais. A vulnerabilidade é intrínseca à várzea e essa compreensão é essencial para a formulação de políticas públicas e para a gestão por parte do sistema educacional.

Com relação aos professores/as são tão diversificados os problemas que precisam enfrentar e superar e alguns apresentam características tão peculiares que chegam a parecer surreais. Para muitos há custos adicionais de deslocamento e quando não são morados do local, quase sempre ficam instalados em casas mal estruturadas e sem ajuda de custo para que possam se manter com dignidade enquanto realizam a atividade laboral.

Ao difundir o “retrato das escolas de várzea” busco também contribuir para a quebra do silenciamento sobre os problemas que afetam professores, estudantes e os povos que habitam estas áreas que constituem o campo, em contraste com as regiões urbanizadas.

## **Referências**

COLARES, Anselmo Alencar; COLARES, Maria Lilia Imbiriba Sousa. Retratos de escolas de várzea na Amazônia brasileira (PA). In: SILVA, Alexandra; LIMEIRA, Aline; LEONARDI, Paula (Orgs.) **Um mar de escolas: mergulhos na história da educação (1850-1980)**. Curitiba: Appris, 2021. [p. 35 a 48].

GAMA, Antônia do Socorro Pena da. **Educação ambiental e a construção da sustentabilidade na região de várzea de Santarém (Pa) – Brasil.** 2016 230 f. Tese (Doutorado). UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas, 2016.

HAGE, S. M. (org.). *Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará*. Belém: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.